

Na BOLA e na BALA



DEU B.O

WEMERSON LEAL

Preso por espancar um torcedor do Gama em fevereiro. Em 2016, participou de uma tentativa de homicídio contra outro torcedor rival.

GLAUBER RAMOS

Preso por espancar um torcedor do Gama em fevereiro. Em 2016, participou de uma tentativa de homicídio contra outro torcedor rival.

BRENO RODRIGO

Um dos líderes da Ira Jovem Gama, foragido da Justiça por tráfico de drogas.

MAYKSSON MILLER

Um dos líderes do Brasiense, solto da Papuda em fevereiro. Ficou preso após incitar uma criança a atacar a torcida rival.

DIEGO HENRIQUE

Assassinado em 2015 por um integrante da torcida do Gama dentro de uma escola pública.

JOHNATHAN DIOGO

Assassinado em 2020 por um integrante da torcida do Gama em uma quadra de esportes da M Norte.

dos responsáveis pela Ira Jovem Gama, é foragido da Justiça. O mandado de prisão foi expedido em 1º de dezembro do ano passado. A pena imposta pela Vara de Execuções Penais (VEP) é de 8 anos e 2 meses em regime inicial fechado. Breno tem outros processos por lesão corporal e violência doméstica.

ARSENAL

Uma ocorrência policial obtida pelo **Correio** traz luz a uma série de problemas causados por uma minoria nas organizadas. Neste caso em específico, a Facção Brasiense. Em um depoimento informal prestado a policiais militares, um dos “puxadores” de um dos comandos da torcida confessou andar armado para proteger os itens do grupo e que isso era uma atitude trivial no meio.

Em 25 de fevereiro do ano passado, esse líder, de 28 anos, foi parado em um Golf após tentar escapar de um ponto de bloqueio. No carro, ele levava maconha, cocaína e estava sem a Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Disse que exercia a função de líder regional do Comando P Norte e era encarregado de guardar o material da torcida, tais como bandeiras e estandartes. Essa proteção era feita, segundo ele, com armas de fogo pertencentes ao grupo, mas que circulavam entre os integrantes.

Na casa desse homem, a PM apreendeu uma pistola Glock G17 com selector de rajada — instrumento geralmente utilizado por facções criminosas — e mira-laser acoplada, um carregador com capacidade para 30 munições e um suporte adaptador de pistola para submetralhadora. Em julho de 2023, a Justiça proferiu a sentença e declarou a nulidade das provas obtidas em desfavor do acusado. Segundo o magistrado, não existiu fundamentação concreta e idônea para realização da busca domiciliar por parte da PM. O réu foi absolvido e solto.

Na Ira Jovem Gama, os líderes de alguns bondes também andam armados, conforme uma denúncia recebida pelo **Correio** por um ex-membro. As fotos obtidas pela reportagem e postadas pelos responsáveis em perfis privados das redes sociais mostram armamentos em cima de camisetas da organizada.

A maioria das ocorrências policiais registradas entre as torcidas são de lesão corporal. Mas impera o roubo. Como faz parte da “lei interna” subtrair as vestimentas de rivais no meio da rua, os membros não denunciam à polícia e fazem Justiça com as próprias mãos. Os roubos são “romantizados” e as ações são postadas em perfis do Instagram.

Em um dos vídeos analisados pelo **Correio**, de 30 de dezembro de 2023, integrantes da Ira Jovem Gama gravam um rapaz do Brasiense correndo de cueca no meio da rua. Na filmagem, eles erguem o calção e a blusa da vítima. O perfil TFB, ligado à Facção Brasiense, posta fotos numa espécie de antes e depois. Eles costumam registrar o torcedor rival em um lugar qualquer, como em um supermercado, uma loja ou no meio da rua. Depois, publicam as fotos apenas das roupas das vítimas.

NO ÚLTIMO CLÁSSICO...

O caso mais recente ocorreu em 7 de fevereiro, no dia do duelo entre Gama e Brasiense. Horas antes da partida disputada no Bezerrão com torcida única do mandante, torcedores do Brasiense se dividiram em três carros e foram até o Gama. Glauber Ramos, Leonardo Andrade Alcântara, Wemerson Leal e Alysson Fernandes dos Santos estavam em uma Fiorino e pararam o carro em um bar localizado no setor Central, na Quadra 18. No estabelecimento, estavam reunidos torcedores da Ira Jovem Gama. Imagens de uma câmera de segurança mostraram a abordagem do quarteto contra um dos jovens. Com camisetas na cabeça e paus nas mãos, o grupo invadiu o local e disse: “Perdeu. Tira o relógio.”

Na sequência, Glauber, Leonardo, Wemerson e Alysson espancaram a vítima com pedaços de paus, socos e chutes.

Na ação, um dos criminosos roubou o relógio, um óculos de sol e a camisa da torcida organizada do Gama. Eles ainda tentaram levar o cordão de ouro do torcedor, porém o rapaz resistiu e levou uma paulada na parte de trás da cabeça. Em depoimento, a vítima disse que, antes da pancada, ouviu: “Não vai entregar, então vou te matar”.

Após a agressão no Gama, o grupo seguiu para o Recanto das Emas, onde, também, espalhou terror e soltou rojões em uma rua. O quarteto e o adolescente foram presos horas depois pela PM e conduzidos à 27ª Delegacia de Polícia, onde foram autuados por roubo e corrupção de menores.

DEFESA

O advogado de Glauber impetrou um habeas corpus em favor do paciente, em 13 de fevereiro, e alegou que o torcedor estava em uma loja de autopeças, em Taguatinga, no mesmo horário em que a vítima foi espancada no Gama. “Ademais, não se mostra crível que o paciente Glauber Ramos, às 16h20, estivesse em Taguatinga e, posteriormente, em menos de uma hora, em cidade-satélite do Gama praticando o suposto crime. Além do mais, constam imagens nas quais o paciente retromencionado às 17h46 desse dia, estava na cidade de Ceilândia”, argumentou o defensor.

Em 16 de fevereiro, o desembargador Josaphá Francisco dos Santos indeferiu a liminar e afirmou que, desde a abordagem policial, o grupo foi considerado culpado, sem que a vítima sequer tivesse procurado a delegacia para registrar ocorrência. Destacou, ainda, que os crimes são graves e foram cometidos “com violência exacerbada contra pessoa, na companhia de adolescente e nas proximidades de estádio de futebol, em dia de jogo do Brasiense e Gama, apenas, ao que parece, por ser a vítima torcedora de time rival do paciente, que seria membro de torcida organizada.”

No Distrito Federal, as ocorrências policiais envolvendo as organizadas são registradas e tratadas isoladamente, sem estarem associadas a uma organização criminosa, por exemplo. Portanto, a Polícia Civil não dispõe de registros criminais separados por torcida organizada. O Ministério Público por meio da Procuradoria Distrital dos Direitos do Cidadão (PDCC/MPDFT) trabalha para garantir a segurança dentro e fora dos estádios.

POSICIONAMENTOS

Em notas publicadas nos perfis das redes sociais da Ira Jovem Gama e da Facção Brasiense, as duas torcidas repudiaram a primeira reportagem da série na sexta-feira passada. No comunicado, a organizada do Brasiense ressaltou que, “apesar da rivalidade entre as torcidas organizadas, jamais houve morte entre os membros por conta da rivalidade ou qualquer fato que pudesse ligar às torcidas organizadas do Distrito Federal”. No entanto, o **Correio** apurou que ao menos duas mortes ocorreram entre 2015 e 2020.

A Ira Jovem Gama se posicionou e também afirmou não ter ocorrido mortes em decorrência da rivalidade. Destacou, ainda, que a torcida dispõe de um estatuto com direitos e deveres dos associados, bem como sanções internas em casos de descumprimento. “Estamos em contato constante com as autoridades do DF e com frequentes visitas e diálogo aberto com a Secretaria de Segurança Pública antes de partidas importantes”, frisou.

Na próxima semana

Na terceira reportagem da série, o **Correio** traz à tona a guerra interna entre os membros das mesmas torcidas. As brigas ocorrem por status, autoafirmação, dívidas e até disputa por tráfico. Entre as associadas mulheres, impera a vaidade e as punições por contatos com rivais.



VOCÊ LEU NA SEMANA PASSADA...

No primeiro episódio, você leu como o crime se infiltra nas duas maiores torcidas organizadas da capital. A reportagem trouxe detalhes sobre a história das organizadas, o alistamento dos associados, o estatuto ditado pelas lideranças, além dos conteúdos publicados em perfis ligados às organizadas nas redes sociais. Postagens essas que surgem como tom de ameaça para os rivais. As fotos e vídeos são de membros em posse de itens dos adversários, sejam camisetas, shorts, bonés. Os itens são queimados e publicados em tom de vitória.

uma grave ocorrência e foram presos por tentar matar um integrante da Força Jovem do Vasco — torcida aliada do Gama. A vítima, com 22 anos à época, estava com amigos perto de um quiosque onde transmitia um jogo de futebol, em Ceilândia, quando membros da organizada do Brasiense chegaram e começaram a confusão. Conforme o boletim de ocorrência, Wasley foi a primeira pessoa a agredir e a derrubar o jovem ao chão.

Na sequência, Glauber desferiu golpes de madeira contra a cabeça do rapaz, enquanto Wemerson e Mayksson deram continuidade às agressões com paus e pedras. Enquanto o torcedor apanhava caído ao chão com chutes no rosto, Glauber e outros rapazes gritavam: “mata, mata, mata”, detalha a ocorrência. Acionados, os policiais militares conseguiram capturar o grupo em um Voyage branco. Dentro do veículo, estavam Glauber e outros três rapazes, incluindo Naykson Vítor Pereira, um dos atuais líderes da

organizada. Nessa mesma briga estava envolvido, ainda, Lincoln Dantas Inácio (da organizada do Gama), o mesmo acusado de matar Johnathan Diogo, em 2020.

Outros dois jovens supostamente participantes da mesma confusão, em frente ao bar, são Jonathan Dantas Lima e Francisco Silvio Ferreira Chaves, da Mancha Verde e da Ira Jovem Vasco, organizadas aliadas ao Gama. Ambos respondem a um crime de roubo cometido em fevereiro de 2022 contra um torcedor do Brasiense. O caso repercutiu na imprensa devido às fortes imagens captadas por câmeras de segurança. Elas registram o momento em que a vítima e a namorada são abordadas pelos suspeitos.

O caso ocorreu em 8 de fevereiro de 2022. Conforme narra a sentença judicial, os denunciados Francisco, Johnathan, Lucas Rodrigues Torres, Matheus de Paula Alves e Vítor Gustavo Ribeiro agiram com violência física contra o torcedor rival. Antes dos fatos, os suspeitos estavam com torcedores da

Mancha Verde na sede, em Vicente Pires, e saíram de carro em busca de rivais para agredi-los. “Os denunciados poderiam celebrar a vitória que o time conquistou naquele dia, mas decidiram praticar atos de selvageria no meio da rua, sujeitando qualquer cidadão inocente de Vicente Pires que pudesse sair com a roupa do clube de coração naquela data como alvo potencial de um ataque violento e despropositado”, detalha a denúncia do Ministério Público (MPDFT).

Os envolvidos abordaram o rival em uma rua e o agrediram, levando uma bermuda e a carteira do jovem, contendo R\$ 200. A namorada da vítima também teve de entregar um blusão com a logo da organizada do Brasiense. Pelo crime, Vítor, Lucas e Francisco foram condenados a 7 anos de prisão em regime semiaberto. Matheus recebeu pena de 9 anos, e Jonathan, de 2 anos.

Enquanto um dos líderes da Facção Brasiense deixou a cadeia recentemente, Breno Rodrigo Carvalho Serejo, um